

A ATRAÇÃO SOCIAL PELO APRISIONAMENTO E OS TIRANOS DA MODERNIDADE

THE SOCIAL ATTRACTION TO IMPRISONMENT AND THE MODERN TYRANNY

Márcia Cristina de Souza Alvim*

Laís Veiga de Carvalho Mello**

Resumo: A sociedade brasileira clama por mais liberdade. A luta vai desde a liberdade de expressão e política à liberdade cultural e sexual. O discurso social é fortemente marcado pela necessidade e essencialidade do “ser livre”, contudo, observamos que há um paradoxo no comportamento social. Paralelamente à luta pela liberdade ocorre a criação de novas formas de aprisionamento. Buscam-se modelos para tudo e o enquadramento ou não aos padrões estabelecidos define os indivíduos. As marcas e o poder de consumo condicionam a felicidade. Tal cenário faz surgir a necessidade de repensar o que a liberdade representa para a sociedade e o quanto cada indivíduo contribui para o próprio aprisionamento.

Palavras-chave: Liberdade. Aprisionamento Social. Responsabilidade. Étienne de La Boétie.

Abstract: Brazilian society claims for freedom. The struggle ranges from freedom of expression and political freedom to cultural and sexual freedom. Social discourse is marked by the necessity and essentiality of the "free being", however, we observe a paradox in social behavior. Parallel to the struggle for freedom, society creates new forms of imprisonment. Models are sought for everything and measuring up to the established standards define individuals. Brands and consumer power condition happiness. Such a scenario raises the need to rethink what freedom represents for society and how much each individual contributes to their own imprisonment.

Keywords: Freedom. Social Imprisonment. Responsibility. Étienne de La Boétie.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente pensamos a liberdade como algo que nos foi tirada e que precisamos reconquistar. Apesar de ser uma luta que se estende por séculos a sociedade moderna ainda não pode se considerar plenamente livre.

Por esta razão se torna essencial compreender o que nos aprisiona bem como se temos alguma participação na nossa própria submissão. Para tal, é necessário definir o que de fato a liberdade representa para a sociedade brasileira e o quanto de fato desejamos ser livres e nos esforçamos para tal.

* Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil. Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Advogada graduada em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora dos Programas de Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email: maral@uol.com.br

** Mestranda em Filosofia do Direito pela PUC-SP, São Paulo-SP, Brasil. Bacharel em Direito pelo Instituto Camillo Filho. Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Piauí. Advogada. Email: laismello@hotmail.com

O objetivo do presente artigo é proporcionar uma reflexão acerca da liberdade e de como e porque ocorre a perda da liberdade não só na esfera política, mas em especial no âmbito social. Para tanto a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica qualitativa a fim de compreender a relação travada entre tiranos e subordinados.

1. A LUTA PELA LIBERDADE

O direito à Liberdade pode ser analisado sob diversos aspectos. Podemos falar em liberdade física, liberdade de pensar, liberdade de expressão, liberdade política e liberdade econômica dentre inúmeras outras. Contudo, todos esses modos de ser livre, guardam entre si um núcleo essencial em comum. Liberdade, seja na esfera política, pessoal, social ou econômica, é a não dependência, é o agir segundo sua própria determinação.

A teoria da liberdade, como controle racional, pode ser ampliada à pessoa livre. O que ela diz nessa área é que a pessoa será livre quando, e só quando, ela relaciona-se com outras pessoas, de uma maneira tal que ela retenha o controle racional sobre suas ações. A pessoa que está no comando racional de suas ações, e mais ninguém, tem controle sobre o próprio comportamento e é exatamente isso que significa ser uma pessoa livre. É inteiramente plausível dizer que a liberdade de uma pessoa em relação a outras envolve, nada mais, nada menos, a retenção de um certo tipo de controle básico (PETIT, 2007, p. 61-62).

Neste mesmo sentido Sartre afirma que a liberdade é quando há o exercício da vontade independente de outros fatores e conclui que ser livre é condição da existência humana.

Em Sartre, a liberdade é precisamente o Ser da consciência: nela, o ser humano é o seu próprio passado — bem como o seu devir — sob a forma de nadificação. Sendo consciência de Ser (liberdade), há para o ser humano um determinado modo de situar-se frente ao passado e ao futuro como sendo e não sendo ambos ao mesmo tempo. A liberdade humana, da perspectiva sartreana, é a escolha irremediável de certos possíveis: o homem não é, mas faz-se. Não há futuro previsível e nem ao menos algumas cartas marcadas de antemão. Há, isso sim, o movimento através do qual o Ser do homem faz-se isso ou aquilo — escolhas que, por seu turno, serão feitas a partir de certas situações, jamais encerradas em algum tipo de determinismo. (YAZBEK, 2005, p. 142).

Em outras palavras, a ação de um homem livre é a materialização de suas escolhas. Essa ação é intencional e deriva da consciência do indivíduo não havendo nada que a determine senão o próprio desejo.

Muitas foram as lutas em busca dessa autonomia nas diferentes esferas da vida e apesar dos incontáveis êxitos, ainda estamos longe de podermos nos considerarmos plenamente livres. Se analisarmos bem, parece que quanto mais liberdades conquistamos, mais percebemos novas formas de liberdades que nos faltam.

A ideia de “ser plenamente livre” também se torna distante em razão da lentidão do processo de concretização de direitos. Tomemos os direitos políticos como exemplo. Muito comumente falamos que os as conquistas ligadas à liberdade política constituem os direitos de primeira geração.

Todavia, quando dirigimos nossa atenção aos direitos de quarta geração temos: direito à democracia e direito à informação. Observamos que apesar da divisão em gerações sugerir uma nova classe de liberdades conquistadas, o que de fato ocorre na quarta geração de direitos é uma continuidade na luta pela concretização daquela liberdade política da primeira geração.

Ora, sem democracia e direito à informação tem como se falar em direitos políticos? Certamente não. A falta de democracia é solo fértil para a Tirania que por sua vez é a maior inimiga da liberdade. Essa forma autoritária de governo provoca a supressão de direitos não só na esfera cível, mas em todos os âmbitos da vida dos indivíduos subordinados.

Isto porque, apesar das suas diversas nuances a liberdade é uma. Assim, do mesmo modo que a conquista de uma forma de liberdade impulsiona a próxima, quando ocorre a supressão de uma forma de liberdade as demais ficam mais vulneráveis.

É o que ocorre nos governos antidemocráticos da atualidade. A fim de praticarem abusos de poder, dominação, opressão e verdadeiras crueldades contra o povo submetido, os tiranos contam com uma importante ferramenta: a supressão da liberdade de informação através do controle sob a imprensa e sob a livre circulação de informações.

Somado a esse cenário onde a conquista da liberdade é gradativa, progressiva e lenta, constata-se que enquanto lutamos para sermos livres em certo aspecto, também estamos criando novas formas de nos aprisionar. Mais alarmante ainda é que essa perda de autonomia é tão natural que sequer nos damos conta de que estamos menos livres em determinado âmbito da vida.

Analisemos a relação do homem do século XXI com seus *smartphones*. Estes pequenos aparelhos permitem que sejamos contactados e localizados a qualquer momento limitando nossa liberdade física. Ao mesmo tempo, nos bombardeiam de informações constantemente de forma a influenciar e por vezes até controlar nossa forma de pensar.

Perdemos nossa capacidade de memorizar, pois registramos tudo que nos é importante neste dispositivo e já ele contém tudo o que precisamos, nos tornamos refém deles.

Através destes pequenos aparelhos estamos conectados 24 horas a nossas redes sociais. Estas por sua vez nos colocam dentro da vida dos outros e os outros dentro da nossa casa e intimidade. A rede permite ao nutricionista saber o que seu paciente comeu, mantém a

sociedade informada sobre a vida pessoal dos indivíduos e mais recentemente tem se tornado importante ferramenta de controle do governo sobre os cidadãos.

Outro exemplo é a constante busca por “guias” que orientem nossa forma de viver. Elegemos os “influenciadores” da moda, de relacionamentos, de estética, de culinária e de autoconhecimento e nos obrigamos a seguir as “regras” disfarçadas de “dicas” impostas por eles.

É tão verdade que uma das mais novas profissões do século XXI, é o chamado *coach*, que nada mais é do que um profissional que oferece orientação nos mais diversos aspectos da vida pessoal e profissional de um indivíduo. Muito parece que queremos alguém comandando todas as nossas ações.

Falamos tanto em liberdade, mas estamos constantemente buscando regras a serem seguidas. Queremos que alguém nos diga como nos vestir, o que comer e como se portar. Tal constatação nos leva a alguns questionamentos. Por que buscamos nos aprisionar a padrões? Somos livres? Queremos ser livres?

Étienne de La Boétie em sua obra escrita no século XVI traz respostas sobre muitos destes questionamentos conforme será abordado no tópico a seguir e o presente artigo visa demonstrar que ao refletirmos sobre a raiz do aprisionamento social, cultural e político, observamos que o ponto de partida para a perda da liberdade é sempre o mesmo.

2. AS REFLEXÕES DE ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

Étienne de La Boétie nasceu em Sarlat na França em 1530 e viveu em um período marcado pelo desenvolvimento da filosofia política, pelo grande avanço do poder real, dos Estados modernos, dos poderes soberanos e dos conflitos religiosos entre católicos e calvinistas franceses.

Passou a intervir como mediador entre diversas negociações entre protestantes e católicos sendo sempre bem-sucedido por ser inspirador de uma política de tolerância. A sua tendência pacificadora é revelada em sua principal obra, Discurso da Servidão Voluntária, a qual foi escrita quando tinha apenas 18 anos de idade.

Trata-se de uma obra que propõe uma reflexão a respeito da participação dos povos na perda da sua própria liberdade. O autor aborda a submissão sob a ótica do subordinado e analisa a participação dos súditos na manutenção da tirania. O foco da obra é a tirania política,

contudo, veremos que as reflexões de Boétie do século XVI continuam válidas e se aplicam inclusive às modernas formas de tirania.

O discurso começa sugerindo a seguinte reflexão:

Por enquanto, gostaria somente de entender como tantos homens, tantos burgos, tantas cidades e tantas nações suportam às vezes um tirano só, que não tem mais poder que o que lhe dão, que só pode prejudicá-los enquanto quiserem suportá-lo, e que só pode fazer-lhes mal se eles preferirem tolerá-lo a contradizê-lo. Coisa realmente admirável, porém tão comum que deve causar mais lástima que espanto, ver um milhão de homens servir miseravelmente e dobrar a cabeça sob o jugo, não que sejam obrigados a isso por uma força que se imponha, mas porque ficam fascinados e por assim dizer enfeitados somente pelo nome de um, que não deveriam temer, pois ele é um só, nem amar, pois é desumano e cruel com todos (BOÉTIE, 2009, p.32).

Em outras palavras, como que um só indivíduo ou um pequeno grupo de indivíduos consegue submeter um grupo tão grande de pessoas? A resposta a este questionamento encontra-se no próprio título paradoxal da obra. Para o autor, o povo escolhe servir e assim escolhe perder a liberdade, a servidão não é imposta aos subordinados, mas sim aceita por eles.

Isto porque, se o tirano é “apenas um homenzinho” e não um semideus, a liberdade é fácil demais de ser conquistada. Portanto, a verdade é que se o homem não é livre é porque não tem o desejo de ser livre (BOÉTIE, 2009).

Assim, como o homem não almeja a liberdade, além de aceitar a submissão, passa a colaborar com a tirania e assim contribui para sua manutenção.

O fogo de uma pequena faísca cresce e vai aumentando sempre e, quanto mais lenha encontra, mais está disposto a queimar. Não é preciso jogar água para apagá-lo, basta não colocar mais lenha, e ele, não tendo mais o que consumir, acaba se extinguindo por si mesmo, fica sem força e não é mais fogo. Do mesmo modo, os tiranos, quanto mais pilham mais exigem. Mais arruinam e destroem quanto mais é dado a eles. Quanto mais servidos mais se fortalecem e se tornam cada vez mais fortes e dispostos a aniquilar e destruir tudo. Mas basta não lhes dar nada e não lhes obedecer, sem combatê-los ou atacá-los, e eles ficam nus e são derrotados, e não são mais nada, assim como o ramo que, não tendo mais sumo nem alimento em sua raiz, seca e morre. (BOÉTIE, 2009, p.37)

Do trecho supracitado concluímos que para ser livre, bastaria o homem submisso recusar-se a consentir com a escravidão. Boétie demonstra a parcela de culpa do súdito na sua condição de escravidão e coloca nas mãos dele o poder de mudar a realidade em que vive.

Trazer essas reflexões para o dia de hoje é perfeitamente possível. Basta que pensemos quem que escolhemos seguir e servir? Quem nos condiciona e limita nossa liberdade?

3. AS FORMAS MODERNAS DE TIRANIA

Apesar do Discurso da Servidão Voluntária tratar dos governantes tiranos, ou seja, da tirania política, devemos ter em mente que tirano é todo aquele ou tudo aquilo que nos domina, nos controla e cerceia nossa liberdade. Sob essa ótica, facilmente se percebe que existem tiranos nos controlados em todos os aspectos de nossas vidas.

Vivemos na sociedade do consumo onde as marcas funcionam como demonstrações de poder e o ter supera o ser. Permitimos que os objetos nos proporcionem status, nos rotulem e definam quem somos.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como ocupação (GOFFMAN, 2011, p.05).

É imposta a necessidade a de possuir bens, que por vezes são inúteis, a fim de atingir uma satisfação pessoal e social. Sem perceber, somos aprisionados a um grupo social pelas nossas conquistas materiais e estamos condicionados de acordo com elas. Somos manipulados para acreditar que precisamos consumir e para ter comprometemos nossas finanças, nossa saúde mental e nossa felicidade.

O século XXI é era dos “blogueiros” ou *digital influencers*. Um pequeno grupo de pessoas a quem damos o poder de estabelecerem o corpo ideal, os modelos de relacionamentos, o estilo de vida adequado e os padrões de comportamento. Apesar de inalcançáveis para a maior parte da população brasileira, essas metas se tornaram condicionantes da nossa felicidade.

Desde Bryon a Greta Garbo à Angelina Jolie, muitos foram os ídolos que inspiraram padrões de aparência e comportamento. Contudo, como avanço tecnológico, as pessoas se tornaram cada vez mais conectadas aos seus ídolos e a necessidade de assemelhar a estes também cresceu. O nível de exigência imposto pelos influenciadores da beleza e moda se tornou cada vez mais elevado e com isso vemos os indivíduos contidos a fim de atingir tal padrão (FOXCRIFT, 2013, p. 111).

Os padrões estipulados são alcançados ou alcançáveis por uma minoria e a tentativa de atingir esses padrões gera uma onda de fracasso e sofrimento para a grande maioria das pessoas que tentam já que muito dificilmente obterão êxito.

Tal fato é revelado pelas dietas cada vez mais absurdas que conquistam inúmeros seguidores por almejem atingir o “corpo ideal”.

A palavra grega *diata*, da qual deriva nossa palavra “dieta”, descrevia todo um modo de vida, não um regime estrito de perda de peso. Ele fornecia um caminho completo, mental e físico, para a saúde, básico para própria existência e sucesso. Os médicos gregos e romanos sabiam que modo como o corpo funcionava dependia muito de como um indivíduo comia e que diferentes alimentos podiam afetar as pessoas de maneiras diversas. Todo o fundamento da ciência médica ocidental valia-se da diatética, a terapia curativa fundamental de um regime com certos alimentos. (FOX-CROFT, 2013, p. 27).

As dietas variam das mais moderadas às mais radicais e de fato podem ser importante ferramenta na melhora da qualidade de vida e da saúde. Contudo, desde sua origem era sabido que cada organismo tem suas peculiaridades e que não seria possível traçar um padrão alimentar que funcionasse para todos.

Hipócrates – filósofo e médico apesar de entender que um descompasso entre a ingestão de alimentos e o trabalho (energia gasta) poderia perturbar o metabolismo do corpo e ocasionar alguma doença, ele sabia que “era impossível prescrever um regime rigorosamente perfeito para todos, um regime em que a quantidade de alimento contrabalançasse exatamente a quantidade de exercício em cada caso individual. As constituições das pessoas não eram iguais, e as exigências individuais variavam segundo a idade, o clima, a estação etc. (FOX-CROFT, 2013, p. 28)

Contudo, foram estabelecidos padrões estéticos e criou-se uma mentalidade de necessidade de alcançá-lo custe o que custar. Como consequência temos homens e mulheres com problemas de saúde física e mental em razão da busca pelo corpo perfeito.

Louise Foxcroft afirma que “Diferenças sociais e culturais levaram muitas pessoas em dietas a escolher uma meta de peso fora do set point [ponto de referência] de sua faixa de peso, meta que provavelmente não conseguirão manter – e nunca sem um bocado de sofrimento” (2013, p.243).

A autora demonstra que vivemos uma verdadeira Tirania das Dietas. Os homens são semelhantes, porém não são iguais. Ao invés de valorizar as diferenças permitimos o enraizamento da ideia de que precisamos nos tornar réplicas daquele modelo de sucesso. Existe algo mais opressivo do que a obrigação de ser algo diferente do que é? Pra que algo mais tirânico do que algo que limita nossa alimentação, restringe nossos prazeres e condiciona nossa autoestima?

Do mesmo modo que na tirania política, a tirania das dietas conta com uma importante ferramenta. A mídia. Ela nos convence, nos domina, nos controla.

Na busca pelo emagrecimento, as pessoas que tinham sobrepeso eram cada vez mais escravizadas pelas ideias recicladas, enganosas e com soluções rápidas que pretendiam ajuda-las a ficar magras de novo. Modas e métodos, alimentados pelo avanço científico, mudavam conforme a época e agora havia uma profusão de meios para veicular as mensagens. E, assim como hoje, modismos dietéticos e conselhos ineficazes eram continuamente remodelados e promovidos como se fossem novos em folha. A modelagem do corpo e a consciência do peso tornaram-se interesses populares de uma maneira inédita, enquanto homens e mulheres liam avidamente a profusão de revistas e jornais, começavam a observar as pin-ups e a internalizar a ideia de vigilância do peso. Os filmes haviam acolhido a mensagem – em 1920 o popular Roscol “Fatty” [Chico Boia] Arbuckle, no papel do xerife “Slim” Hoover no filme *The Round-Up*, lamentava que “ninguém ama um homem gordo”, enquanto o político Thomas B. Reed opinava que “é impossível um cavalheiro pesar mais de 90 quilos”. As dietas e a forma do corpo sempre foram questões políticas, tanto pessoais como públicas.

A dieta industrial moderna criou um verdadeiro mercado para negócios. Venda de planos alimentares, consultas produtos alimentícios e remédios para emagrecimento ou mudança corporal. Surgiram as dietas tendência como a LowCarb e a Dunkan, algumas resultando apenas um prejuízo financeiro, mas outros causaram problemas emocionais e risco a vida de muitos indivíduos.

O que se observa é que temos uma minoria impondo padrões inalcançáveis para uma maioria. Daí vem os seguintes questionamentos: Quem criou esse padrão? Quem nos obriga a segui-lo?

Trazendo as reflexões de Boétie para os dias atuais a resposta é clara. Nós elegemos pessoas para determinar o que devemos comer, quantos quilos precisamos pesar e quantas calorias precisamos gastar. Nós permitimos a imposição desse padrão e assim como na tirania política, para destruir esses padrões bastava parar de segui-lo, bastava parar de lhe dar lenha.

Contudo, não observamos movimentos fortes de contestação ou de resistências aos padrões impostos, pelo contrário, a aderência a eles é a cada vez maior. Novamente a teoria de Boétie se comprova. Nós é que contribuimos para a manutenção da tirania.

Ao apontar os elementos que mantêm a servidão voluntária Étienne de La Boétie destaca o hábito como algo tão forte que altera até mesmo a natureza do homem. O hábito faz o homem se acostumar com a tirania e dessa forma o poder dos tiranos vai se consolidando (2009, p. 44-47).

Assim também o é com as tiranias da modernidade. As imposições e restrições se tornam naturais, sequer percebemos que não há nada de fato nos obrigando a agir de determinado modo, mas já estamos tão habituados que não lutamos contra algo que nos traz grandes sofrimentos e prejuízos.

Outra ferramenta utilizada pelos tiranos políticos tratados na obra de Boétie era a devoção. Tanto a religião como as crenças fomentam a tirania, muitos utilizavam Deus como justificativa de poder. Outros criavam ilusões como era o caso de governantes que evitavam aparecer em público para construir uma imagem de sobrenatural ou dos primeiros reis do Egito que só apareciam em público com um gato na cabeça para parecerem seres mágicos (BOÉTIE, 2009, p. 56-59).

A devoção também está presente nas tiranias modernas. Os *digital influencers* são celebridades idolatradas. Tem-se interesse pelos detalhes mais íntimos da rotina dessas pessoas. A cor favorita, o que comem e o que pensam são informações preciosas, existe um verdadeiro fanatismo.

No discurso da Servidão voluntário encontramos ainda a importância de uma cadeia de pessoas na manutenção das tiranias. O tirano possui assessores, quatro ou cinco que o apoiam e o mantêm no poder. Forma-se uma corrente, porque esses por sua vez comandam outros cem que comandam outros mil. (BOÉTIE, 2009, p. 64-65).

Ora, os assessores do tirano político são os seguidores do *digital influencer*. Forma-se uma verdadeira rede de seguidores que garantem o poder e a influência daquele indivíduo. O número de seguidores é inclusive uma medida de influência nos dias de hoje.

Diante da conclusão de que escolhemos não ser livres, surgem os seguintes questionamentos: O que nos seduz na servidão? Até que ponto ser livre é bom? por que não queremos ser livres? Existe mais felicidade na submissão do que na liberdade?

4. A LIBERDADE COMO RESPONSABILIDADE

Conforme mencionado anteriormente, ser livre é ter poder de escolha sem a influência de fatores determinantes. Contudo, a partir do momento que sou livre para escolher me torno responsável por essas escolhas.

É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. (SARTRE, 1973, p. 15).

A liberdade de escolher a profissão, o casamento, os amigos, dentre outros, nos torna responsável pelas consequências de cada uma delas e ainda segundo Sartre, essa responsabilidade traz angústia.

É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão. (SARTRE, 1998, p.72).

Timothy Snyder busca demonstrar que as pequenas escolhas que fazemos nos tornam responsáveis pelo contexto em que vivemos. Somos responsáveis não só pelas situações que contribuimos ativamente, mas também pelas que simplesmente aceitamos.

O autor dedica um capítulo de sua obra “Sobre a Tirania” a essa reflexão. Inicia sua linha de pensamento com a seguinte mensagem: “*Os símbolos de hoje possibilitam realidade do amanhã. Observe as suásticas e os outros sinais do ódio. Não desvie o olhar, nem se acostume com eles. Remova-os você mesmo e dê o exemplo para que outros também o façam* (2017, p. 31)”.

Continua sua exposição demonstrando a resistência social em assumir responsabilidade.

Em 1933, quando a escassez chegavam ao auge na URSS, o Partido Nazista ganhou poder na Alemanha. Na euforia da vitória, os nazistas tentaram organizar um boicote às lojas dos judeus. No começo, a campanha não teve muito sucesso. No entanto, o fato de algumas loja passarem a ser sinalizadas com palavras como “judia” ou “ariana” pintadas à tinta nas janelas ou nas paredes afetou a maneira como os alemães encaravam a economia doméstica. Uma loja marcada como “judia” não tinha futuro. Tornou-se alvo fácil de roubos. À medida que as propriedades foram recebendo marcas étnicas, a inveja transformou a ética dos cidadãos. Se as lojas podiam ser “judias”, o que dizer de outras empresas e propriedades? O desejo de que os judeus desaparecessem, talvez num primeiro momento reprimido, foi crescendo à medida que a cobiça fermentava. Desse modo, os alemães que caracterizavam algumas lojas como “judias” – assim como as pessoas que simplesmente assistiam ao que ocorria – participaram de fato do processo de desaparecimento dos judeus. A aceitação das marcas étnicas nas lojas como parte natural da paisagem urbana já se revelava um sinal de leniência em relação a um futuro massacre. (SNYDER, 2017, p. 33 e 34).

Certamente é menos doloroso culpar o outro pelo nosso fracasso e em razão disso “ser livre” se torna uma tarefa difícil. Do trecho supracitado percebemos que o autor almeja conscientizar a sociedade do papel que desempenharam no desaparecimento dos judeus.

Apesar de muitos atribuírem as consequências catastróficas do nazismo a um líder ou a um grupo pequeno de líderes, Snyder demonstra que foram as pequenas ações, praticadas de forma livre que permitiram o terror vivido posteriormente.

Quando passamos a enxergar a liberdade como responsabilidade conseguimos compreender porque alguns indivíduos encontram felicidade na submissão. Ao observarmos as regras e tradições da cultura mulçumana percebemos que as mulheres abrem mão de grande parte da sua liberdade em troca de proteção e provimento inicialmente fornecidos pelo pai e posteriormente pelo marido.

Assim, apesar de menos livres, essas mulheres possuem menos responsabilidades e a julgar pelo percentual de satisfação com a realidade em que vivem não podemos concluir que almejam ter mais liberdade.

CONCLUSÃO

Por todo o exposto concluímos que paralelo ao clamor social por direitos a liberdade a sociedade do século XXI continua buscando novas formas de se aprisionar. A grande influência dos “gurus” da moda, da culinária e de relacionamentos, o crescente número de pessoas que buscam literaturas de autoajuda e apoio terapêutico revela tal fato.

Uma sociedade que precisa de regras em tudo e padrões para tudo se permite ser dominada. Permitimos esse controle para podermos nos eximir da responsabilidade de sermos livres e assim nos livrar da angústia de sermos o causador da nossa própria realidade.

À medida que nosso discurso é de luta pela liberdade, mas nossas ações são uma resistência à autonomia estamos constantemente defendendo algo que sequer sabemos se queremos ter. Por isso, antes de continuar a caminhada na luta pela liberdade é preciso voltar ao ponto de partida e refletir se de fato queremos ou não ser livres. Somente através dessa reflexão é que atingiremos um estado de liberdade plena ou o direito de não ser livre.

REFERÊNCIAS

BOÉTIE, Étienne. *Discurso da Servidão Voluntária*. Tradução de Casemiro Linarth. São Paulo: Martin Claret, 2009.

FOXCROFT, Louise. *A Tirania das dietas: dois mil anos de luta contra o peso*. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

KLEIN, Naomi. *Sem Logo: A tirania das marcas em um planeta vendido*. Tradução de Ryta Vinagre. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PETIT, Philip. Teoria da Liberdade. Trad. Renato Sérgio Pupo Maciel. Belo Horizonte: Del Rey, 2007.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

_____. O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigo. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SNYDER, Timonthy. *Sobre a Tirania*: vinte lições do século XX para o presente. Tradução Donaldson M. Garschagen. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

YAZBEK, André C. *A ressonância ética da negação em Sartre*: considerações sobre liberdade, angústia e valores em L'êtré et lenéant. Cadernos de ética e filosofia política n.7. São Paulo, 2005, p. 141-164.

Recebimento em: 08/09/2018

Aprovação em: 16/12/2018.